

**Boletim especial sobre violência estrutural,
desigualdade social e vulnerabilidade ao HIV/AIDS**

Sociólogo e doutor em Saúde Pública, o mineiro Otávio Cruz Neto, 45 anos, voltou sua carreira acadêmica à atuação na área de pesquisa social, com recortes em direitos humanos, AIDS, tráfico de drogas, crianças e adolescentes, violência e avaliação de programas e políticas sociais.

Desde 1995, desenvolve projetos de pesquisa no Departamento de Ciências Sociais da Escola Nacional de Saúde Pública ENSP/Fiocruz, no Rio de Janeiro, onde exerce a função de pesquisador titular. É também membro do Conselho de Curadores da ABIA. Nesta entrevista ao Boletim ABIA, Otávio comenta as razões sociais que aumentam o grau de vulnerabilidade da população ao HIV.

Por Marta Torres

COMO DEFINE VULNERABILIDADE E RISCO AO HIV? SÃO SINÔNIMOS?

Na busca de prevenção ao HIV o termo "risco" passou a ser amplamente utilizado. Suas raízes fundamentam-se na teoria econômica, que, em função do mercado, procura delimitar as possíveis perdas. No entanto a apropriação dessa relação de perdas e danos pelos diferentes campos sociais espalha-se por âmbitos mais amplos da vida dos indivíduos, estendendo-a para outras dimensões, tais como a física, as psicológicas e as políticas.

O termo "risco" fica mais nítido em sua definição de probabilidade de perigos e fatalidades. Ampliando o quadro explicativo dos perigos e das possibilidades do contágio pelo HIV, um termo correlato também é utilizado. Trata-se de "vulnerabilidade", que se explica através da delimitação do campo mais frágil pelo qual alguém pode tornar-se vulnerável, ou seja, sofrer um ataque ou invasão a partir de determinado ponto. Tanto "risco" quanto "vulnerabilidade" podem ser intermediados pelo ato de expor-se ou arriscar-se a circunstâncias que levem ao sofrimento de danos. A esse conjunto de categorias é válido agregar o termo "suscetibilidade", que aponta em direção à tendência para influenciar ou contrair enfermidades. Em Saúde Pública, as concepções de "risco" e "vulnerabilidade", inicialmente incorporadas pelos estudos epidemiológicos, foram ampliadas e relativizadas na interface com os estudos sociais. A visão quantificável e probabilística passou a ser articulada com as vivências dos indivíduos inseridos no contexto social.

O avanço apontado por alguns estudiosos demonstra que a "vulnerabilidade" enquanto conceito explicativo e operativo no campo da prevenção às DST/AIDS é mais adequado, pois o foco não se restringe apenas ao nível do indivíduo com seus limites e possibilidades, mas estende-se também à complexidade das relações sociais em termos políticos, econômicos, sociais e culturais. A percepção do grau de vulnerabilidade de contágio ao HIV apresentado por uma pessoa ou um grupo passa a levar em conta elementos delineados no próprio contexto, tais como acesso a informações, nível de escolaridade, situação de emprego, renda.

É necessário ter cuidado ao lidar com o segmento juvenil devido à complexidade que envolve este universo. Essa nova geração sofre as consequências das desigualdades sociais e reage de diferentes maneiras. Na opção pelo lucro e na defesa do mercado, grande parcela dos jovens é excluída pela sociedade. A pobreza é o indicador mais sensível da concentração de renda no Brasil e, diante disso, a principal forma de violência passa a ser a "violência estrutural" perpetrada pelo próprio Estado constituído, gerando a opressão de pessoas e grupos, negando-lhes bens e oportunidades necessárias, tornando-os mais vulneráveis às mazelas sociais, ao sofrimento e à morte. A relação entre violência, pobreza e vulnerabilidade não pode ser vista meramente no sentido de causa e efeito, ou por mera associação. É preciso estar mais atento, pois o "focus" da violência estrutural é exatamente uma sociedade de democracia aparente, que apesar de conjugar participação e institucionalização, advogando a liberdade igualdade dos cidadãos, não garante a todos o pleno acesso a seus direitos. Infelizmente seu aspecto mais cruel é o de ser responsável pela instituição de um processo seletivo que tem o poder de decidir quais os cidadãos que desfrutarão do bem-estar social e os que se incorporarão à grande massa de excluídos.

Como as iniciativas de prevenção poderiam trabalhar questões não apenas comportamentais, mas que tenham a ver com vulnerabilidade?

Na tarefa da prevenção algumas orientações devem ser enfrentadas:

- (1) É possível articular um processo contínuo de prevenção às DST/AIDS em um contexto de violência e desigualdade?
- (2) Quais as propostas que devem/podem ser desenhadas e aplicadas?
- (3) Quem deve ser motivado e preparado para trabalhar com prevenção nesta realidade?
- (4) Quais os recursos disponíveis?

Cada vez mais a prevenção deve ser encarada enquanto um processo contínuo e não como simples espaço de ações pontuais ou de práticas esporádicas. Penso que a prevenção ainda não está colocada no seu devido lugar pois, apesar dos discursos, a vejo ocupando um papel secundário. Talvez seja isto que esteja permitindo rotular-se como "prevenção" uma série de ações momentâneas e desarticuladas que não produzem resultados mais satisfatórios. Se introduzirmos o elemento qualidade, parece-me que o problema fica ainda mais complicado. O desafio é: como desenvolver um processo contínuo de prevenção com qualidade? Ou seja, um processo bem estruturado, implementado de forma adequada, com sustentabilidade e avaliado em seus resultados. Esse caminho reflexivo permite adentrar nas mais diferentes facetas constitutivas da vulnerabilidade social em direção a um processo contínuo de prevenção em seus diferentes aspectos e demandas.

QUE FATORES DIFICULTAM A PREVENÇÃO NA POPULAÇÃO JOVEM?

A principal dificuldade ainda é a falta de um processo contínuo de prevenção dirigido aos distintos segmentos jovens, onde os aspectos culturais e étnicos, assim como o enfoque de gênero, fossem bem mais enfatizados. Considero que na base da prevenção deve estar o desejo e o intuito de desenvolver-se um diálogo, uma troca de informações, um movimento em direção ao autocuidado e uma apropriação mais crítica por parte dos jovens, de suas reais condições de vida e de seu "estar" no mundo. Logo, se realmente desejar estabelecer algum tipo de troca efetiva, ou seja, obter bons resultados com a "galera", o processo de prevenção terá de distinguir elementos fundamentais acerca do universo diferenciado dos jovens brasileiros. É extremamente necessário encarar a questão da gravidez na adolescência, cujos dados apontam que no Brasil apenas 15% das adolescentes de 15 a 19 anos usam métodos de contracepção. As modificações que vem ocorrendo nas relações entre pais e filhos, a falta de orientação dos próprios pais, as atuais

alternativas de lazer, a preocupação com as perspectivas de futuro e o chamado constante ao consumismo são pontos cruciais na agenda de prevenção junto a população jovem.

COMO A VULNERABILIDADE SE APRESENTA NA SOCIEDADE DE HOJE?

A vulnerabilidade social manifesta-se de forma contundente junto aos segmentos mais empobrecidos da população. Engendrada pela violência estrutural, acaba por atingir a auto-estima e a dignidade dos envolvidos. Alguns dados nos permitem compreender melhor esta situação, visando adequar de forma realista o processo de prevenção às DST/AIDS. A diretoria do Banco Mundial (Bird) reconheceu o equívoco de muitas de suas políticas implementadas ao longo dos últimos 50 anos, que favoreceram o aumento da exclusão social e da miséria. Já o "Relatório Progresso Econômico e Social", do Banco Interamericano de Desenvolvimento (Bid), destaca que o Brasil continua com a pior distribuição de renda da América Latina e uma das piores do planeta, com 1% da população mais rica detendo 47% da renda nacional, enquanto os 50% mais pobres participam em menos de 10% da riqueza. O coordenador do Instituto de Pesquisas Econômicas (IPEA) afirmou que "não falta recurso para combater a pobreza, o que falta é o redirecionamento dos gastos públicos, destinando-os aos mais pobres".

Vale ressaltar que já estão denominando os anos 90 de "A Década Perversa", que provocou a eliminação de 2 milhões de vagas de trabalho destinadas a jovens de 14 a 25 anos. Pesquisa do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho (CESIT) da Unicamp observa que "o grosso do ajuste do emprego desta década recaiu sobre os ombros da juventude e complementa: : "A ansiedade, o desespero e a frustração marcam os jovens..."

QUE PAPEL AS ONG's E UNIVERSIDADES PODEM DESEMPENHAR PARA DIMINUIR A VULNERABILIDADE SOCIAL?

O papel de articular, traçar novos projetos e reforçar a atuação integrada da sociedade civil. Mesmo considerando as especificidades das universidades e das ONG's, considero que ambas podem atuar.

- (1) na ampliação e no apoio democratização da informação;
- (2) na formulação de propostas inovadoras para a área de formação, defesa e promoção dos direitos humanos e da cidadania;
- (3) no apoio a experiências democráticas e humanistas voltadas para a construção de uma sociedade com justiça e equidade;
- (4) na criação de formas de articulação entre prevenção e assistência;
- (5) investindo no protagonismo dos jovens de ambos os sexos apostando em sua agenda de prioridades;
- (6) investindo na promoção da saúde da população, indo além da prevenção e da assistência;
- (7) desenvolvendo ações articuladas com os diretamente interessados, valorizando o indivíduo enquanto ser humano e sujeito de direitos e deveres;
- (8) priorizando a linha de investigação sobre juventude, globalização e exclusão do acesso a seus direitos;
- (9) propondo e defendendo a implantação de políticas públicas voltadas para os segmentos mais vulneráveis da sociedade civil.

